



Sociologia do Imaginário

Coleção Imaginário Cotidiano

Coordenador da coleção: Luis Gomes

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS

Álvaro Nunes Laranjeira – UTP

Carla Rodrigues – PUC-RJ

Ciro Marcondes Filho – USP

Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS

Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP

Erick Felinto – UERJ

J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM

João Freire Filho – UFRJ

Juremir Machado da Silva – PUCRS

Marcelo Rubin de Lima – UFRGS

Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP

Michel Maffesoli – Paris V

Muniz Sodré – UFRJ

Philippe Joron – Montpellier III

Pierre le Quéau – Grenoble

Renato Janine Ribeiro – USP

Sandra Mara Corazza – UFRGS

Sara Viola Rodrigues – UFRGS

Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS

Vicente Molina Neto – UFRGS

PATRICK LEGROS
FRÉDÉRIC MONNEYRON
JEAN-BRUNO RENARD
PATRICK TACUSSEL

Sociologia do Imaginário

Tradução de
Eduardo Portanova Barros



Editora Sulina

© Armand Colin, 2006
© Editora Medional, 2007
Título original: Sociologie de L'imaginaire

Tradução: Eduardo Portanova Barros

Capa, direção de arte e logo da Coleção: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fosforográfico / Clo Sbardelotto

Editoração: Clo Sbardelotto

Revisão: Caren Capaverde

Revisão técnica: Marcelo Rubim de Lima

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

L519s Legros, Patrick et al
Sociologia do imaginário / Frédéric Monneyron, Jean-Bruno Renard,
Patrick Legros e Patrick Tacussel; tradução de Eduardo Portanova Barros.
– Porto Alegre: Sulina, 2014 – 2ª ed. (Coleção Imaginário Cotidiano)
287 p.

Tradução de: Sociologie de L'imaginaire

ISBN 978-85-205-0483-3

1. Sociologia. 2. Filosofia. I. Monneyron, Frédéric. II. Renard, Jean-Bruno.
III. Tacussel, Patrick. IV. Título. V. Série.

CDU: 101

316

CDD: 100

301

Todos os direitos desta edição reservados
à EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101

CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3311-4082 Fax: (51) 3264-4194

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Agosto/ 2014

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Os autores

PATRICK LEGROS é mestre de conferências em Sociologia na Universidade de Tours. Especializado em Metodologias do Imaginário e em Sociologia das Crenças Populares, da Morte e do Sonho (*Introduction à une sociologie de la création imaginaire*, 1996; *La mort ao quotidien*, 2006).

FRÉDÉRIC MONNEYRON é professor de Literatura Geral e Comparada na Universidade de Perpignan. Suas pesquisas tratam da sexualidade e das relações entre os sexos, da vestimenta e da moda, de um lado; e, de outro lado, sobre a Europa, a ideia de nação e a ideia de raça (*Séduire*, 1997; *Mythes et littérature*, 2002).

JEAN-BRUNO RENARD é professor de Sociologia na Universidade de Montpellier III. Responsável pelo mestrado na linha de pesquisa “Indivíduo e Sociedade”. Seus trabalhos tratam, principalmente, das formas contemporâneas do sobrenatural: literatura fantástica, crenças da paranormalidade e mitologias modernas (*Les extraterrestres*, 1988; *Rumeurs et légendes urbaines*, 1999).

PATRICK TACUSSEL é professor de Sociologia na Universidade de Montpellier III, em que dirige o Instituto de Pesquisas Sociológicas e Antropológicas – Centro de Pesquisas sobre o Imaginário (IRSA-CRI, EA 3025). Especializado nos campos da história da sociologia e do pensamento social no século XIX (*Mythologie des formes sociales*, 1995; *L’imaginaire radical*, 2006).

SUMÁRIO

Introdução geral – 9

PRIMEIRA PARTE

O imaginário na tradição sociológica

Introdução – 17

Entre realidade e imaginário – 19

O imaginário em representação – 24

Capítulo I – O imaginário entre
os fundadores da sociologia – 28

As metáforas da história: Marx e Engels – 30

O ordenamento do mundo: Tocqueville – 38

A massa “imaginada”: Le Bon e Tarde – 44

Resíduos e derivações míticas: Pareto – 51

As representações coletivas: Durkheim – 54

O ideal social: Weber – 61

O imaginário no cotidiano: Simmel – 69

Capítulo II – Os fundadores da sociologia
do imaginário – 78

Ideologia e utopia: Mannheim – 78

Imaginário e sagrado – 81

A pesquisa contemporânea – 93

SEGUNDA PARTE

Epistemologia e metodologia do imaginário

Introdução – 107

Capítulo III – Interpretações do imaginário – 110

O pensamento simbólico – 112

Arquetipologia e metodologia – 121

Imaginação e representação – 128

Capítulo IV – Métodos	– 140
A criação dos imaginários sociais	– 140
Técnicas de análise de conteúdo	– 150
Técnicas de análise projetiva	– 164

TERCEIRA PARTE

Os campos de pesquisa

Introdução	– 187
------------	-------

Capítulo V – Imaginário e vida cotidiana	– 189
Do Don Juan às figuras da sedução moderna	– 189
Boatos e lendas contemporâneas	– 193

Capítulo VI – Imaginário e concepções do mundo	– 208
Os mitos na história e na política	– 208
Religião e imaginário	– 217
Ciência e imaginário	– 225

Capítulo VII – Ficção e imaginário	– 233
Sonho e devaneio	– 233
Literatura e imaginário social	– 239
Os seres fantásticos	– 243

Conclusão	– 257
-----------	-------

Bibliografia	– 259
--------------	-------

Índice Onomástico	– 282
-------------------	-------

Índice Temático	– 285
-----------------	-------

Introdução geral

A sociologia do imaginário não é um campo específico da sociologia definido por um *objeto*, como é o caso da sociologia urbana, do trabalho, da religião, da educação etc. Ela é um *ponto de vista* sobre o social: ela se interessa pela dimensão imaginária de todas as atividades humanas. É por isso que essa sociologia cerca *transversalmente* a sociedade: vida cotidiana, política, religião, ciência, literatura. Essa ausência de um objeto preciso torna-a uma ciência complexa, na qual diferentes pesquisadores se engajam, mas pouco confiável aos olhos de alguns outros. Sua polissemia temática e sua transversalidade fazem dela uma sociologia particular, mesmo que suas premissas sejam encontradas entre os grandes fundadores do estudo sociológico. São as metodologias do imaginário – a primeira obra um pouco sintética sobre a questão é intitulada *Introduction aux méthodologies de l'imaginaire*, de 1998 – que dão uma identidade científica a essa ainda jovem sociologia. As numerosas pesquisas conduzidas, em diversas áreas, acabam por demonstrar a extensão e a importância dessa abordagem. Ao contrário de uma “sociologia de superfície” (Durand, 1996, p. 79), feita de sondagens e “instantaneidades”, a sociologia do imaginário se quer uma *sociologia das profundezas*, que procura alcançar as motivações profundas, os circuitos dinâmicos que subjazem e animam as sociedades humanas.

Os historiadores tiveram um papel importante na legitimação da noção de imaginário nas ciências humanas (Duby, 1978; Le Goff, 1985; Cazenave, 1986; Boia, 1998). Em *L'imaginaire*

medieval, Le Goff já se perguntava: “Por que [...] um novo domínio da história, aquele do imaginário?”. Perseguiu, assim, um questionamento do fim dos anos 70 (Patlagean, 1978). As respostas que ele dava podem ser repensadas, agora, para assentar a necessidade de uma sociologia do imaginário, já que a vida dos homens e das sociedades é, constantemente, submetida aos impulsos imaginários, às imagens encarnadas nas artes (pictoriais, cinematográficas etc.) e nas construções mentais coletivas e individuais. O imaginário, assim, diz respeito a uma civilização: circula através da história, das culturas e dos grupos sociais. Nós poderíamos dizer, parafraseando o historiador (1985, p. VII), que o imaginário alimenta e faz o homem agir. É um fenômeno coletivo, social, histórico. Uma sociologia sem o imaginário é uma sociologia mutilada, desencarnada.

Às definições negativas dadas pela tradição filosófica ocidental – imaginário como algo inexistente, falso, mentiroso ou irracional –, a corrente da antropologia do imaginário, iniciada por Jung, Eliade, Bachelard, Durand, opõe uma definição positiva, “plena”: o imaginário é o produto do *pensamento mítico*. O pensamento mítico é um pensamento concreto que, funcionando sobre o princípio da analogia, se exprime por imagens simbólicas organizadas de maneira dinâmica. A analogia determina as percepções do espaço e do tempo, as construções materiais e institucionais, as mitologias e as ideologias, os saberes e os comportamentos coletivos. Mas a antropologia do imaginário contesta a ideia de um pensamento mítico que seria primitivo, pré-lógico, inferior ao pensamento racional.

Ao situar as representações coletivas e as crenças no coração do social, estudando seus mecanismos e sua eficácia, a sociologia do imaginário se junta à psicologia social das representações e à sociologia cognitiva (Raymond Boudon ou Dan Sperber), mesmo se o alcance seja sensivelmente diferente, já que o cognitivismo parte do postulado do *Homo rationalis* e não do *Homo imaginans*, interessando-se pela racionalização das crenças e não pelo seu enraizamento arquetipal.

O reconhecimento do imaginário nas obras gerais de sociologia é tardio e ainda hesitante. Na volumosa *Sociologie contemporaine* (Paris, Vigot, 1997), Durand e Weil não titubeiam ao escrever que “a sociologia deve reabilitar três conceitos: conflitos, imaginário, trabalho” (p. 315). No index temático, “imaginário” reporta a não menos de 32 páginas da obra. A seção 2 do capítulo 11, intitulada *Le retour de l’imaginaire*, apresenta três autores: Castoriadis, Durand e Maffesoli. Mas esse reconhecimento é acompanhado de reticências. Em relação às “grandes correntes sociológicas”, as teorias desses autores são, explicitamente, apresentadas como marginais, não chegando à dignidade dos clássicos (funcionalismo, acionismo, individualismo metodológico, teoria do *habitus* e dos campos). Aliás, Durand e Weil mostram reservas: “O retorno do imaginário não saberia se apartar da ‘vida cotidiana’ e deve coexistir com a racionalidade” (*ibid.*). Se essa opinião é uma crítica indireta aos trabalhos de Maffesoli, não seríamos nós a subscrevê-la; se é o caso de sublinhar que racionalidade e imaginário são inseparáveis no psiquismo humano, ninguém o contestaria, principalmente os especialistas do imaginário; enfim, em se tratando de pleitear uma extensão da problemática do imaginário em outros campos que não só o da cotidianidade, nós a aprovamos totalmente, como mostrará esta obra.

Os três significados da expressão “imaginário social”

“Eu gostaria de sublinhar a polissemia e as ambiguidades do conceito de ‘imaginário social’, abundantemente empregado hoje – o que é um sinal positivo – por sociólogos de horizontes diversos trabalhando em domínios muito distantes uns em relação aos outros. Para simplificar, eu distinguiria três significados fundamentais: a) *Dimensão mítica da existência social*: é ela que inspira as mitologias sociológicas e conduz ao esclarecimento dos mitos dominantes de uma determinada época, de uma cultura, de uma nação, de uma geração, literária ou artística, de uma classe social. b) *Imaginação de uma outra sociedade*: ela está em marcha nas utopias, nos

milénarismos, nas ideologias revolucionárias. É o imaginário da esperança [...]. c) *Imaginário mais moderno e cotidiano* (recente): visto nas práticas de todos os dias: paisagem urbana, objetos familiares, encontros fortuitos, percursos usuais, distrações populares” (Stronneau, 1993, p. 47-8).

O assunto deste livro responde a essa percepção desnaturada da sociologia do imaginário. Sociologia que tem uma história, que traduz sua especificidade e que, ao reconhecê-la como tal, deveria ajudar na sua reabilitação. Essa história marca as principais características contemporâneas da sociologia do imaginário, que podem ser traduzidas por *funções sociais*. Nós poderíamos enumerar quatro delas:

- 1) uma função antropofisiológica: a necessidade do devaneio;
- 2) uma função de regulação humana diante da incompreensibilidade (a morte, por exemplo): operando como intermediária do mito, do rito, do sonho ou, ainda, da ciência;
- 3) uma função de criatividade social e individual: representando os principais mecanismos da criação e oferecendo uma abertura epistemológica (relativizando a percepção do real);
- 4) e uma função de comunhão social: favorecendo, principalmente pelo mimetismo, os ideais-tipo, os sistemas de representação, a memória coletiva.

Redigir esta obra para legitimar a sociologia do imaginário, e ainda delimitando suas fronteiras, é um desafio, pois essa *sociologia* não pode se passar por *ciências* do imaginário. Logo, nossa escolha será a de dar a essa sociologia fundamentos histórico, “definicional” e metodológico, para que cesse, em grande parte, a incompreensão em relação ao tema; e que esta obra possa ser útil a todos os pesquisadores interessados em corresponder à finalidade de toda pesquisa, a abertura do conhecimento.

Nossa obra se apresenta sob uma forma clássica, adotada por vários manuais temáticos: teorias, métodos, campos. Ela se dirige não só a sociólogos, estudantes ou pesquisadores, mas tam-

bém a todos os *praticantes* do imaginário presente na publicidade, nas artes ou, ainda, nos institutos de pesquisas. O leitor leigo dos fundamentos teóricos da sociologia do imaginário encontrará, na primeira parte, um recenseamento cronológico e analítico dos principais autores sobre o assunto. As bases epistemológica e metodológica se encontram na segunda parte. Enfim, se o leitor preferir observar como as teorias e os métodos são aplicados empiricamente, encontrará, na terceira parte, diversos estudos de caso referentes às quatro *funções* da sociologia do imaginário descritas anteriormente.

Assim, a obra é composta por sete capítulos divididos em três partes: cada parte começa por uma introdução, a fim de facilitar a leitura do todo. O primeiro capítulo revela ao leitor como os fundadores da sociologia utilizaram a noção de imaginário. O segundo, que encerra a primeira parte histórico-teórica, apresenta, por sua vez, os fundadores da sociologia do imaginário. O terceiro capítulo abre a reflexão epistemológica no que diz respeito à interpretação do imaginário: nós interrogaremos as diferentes noções às quais ele se reporta, sobretudo as da imagem, do símbolo e da representação. O quarto capítulo será consagrado à exposição de alguns métodos, permitindo que se analisem as produções imaginárias. Com o quinto, começaremos nosso recenseamento dos temas estudados pela sociologia do imaginário, objeto da terceira parte da obra: esse capítulo evoca dois momentos da vida cotidiana, através da sedução e do boato. O capítulo sexto descreve a relação entre o imaginário e as nossas concepções de mundo por meio da política, da religião e da ciência. Enfim, o último capítulo se interessa por dois “produtores” do imaginário, que são o sonho e a literatura, e termina com uma viagem pelo mundo fantástico dos seres sobrenaturais.¹

¹ Os autores agradecem a Gilles Ferréol, Patrick Watier e, especialmente, Sophie Rothé pelas leituras atentas e seus conselhos esclarecedores.